Acervo ISA

LUX JORNAL
Jornal de Brasília – Brasília – DF
Publicado: 01/06/99

190 1813

Índios Xavante ocupam sede da Funai e exigem a demissão do atual presidente

Uma pressão política distorcida. Assim o presidente da Funai, Márcio Lacerda, definiu a invasão da sede do órgão, ontem, por 51 guerreiros xavante - que o retiraram à força do prédio e ainda ocuparam a entrada do Ministério da Justiça. Os índios (um dos vários grupos xavante da Reserva Parabubure, em Mato Grosso) ocuparam a Funai em represália ao afastamento do diretor da Administração Executiva Regional (AER) Nova Xavantina - à qual a Reserva Parabubure é circunscrita -, ocorrido depois que foram apurados gastos excessivos da AER em 98.

De acordo com o presidente da Funai, o administrador Raimundo Lustosa foi afastado semana passada do cargo pelos gastos aparentemente irregulares da AER Nova Xavantina. Márcio Lacerda explicou que o grupo xavante responsável pelo incidente de ontem quer Lustosa de volta à administação para manter o que chamou de *status quo*.

"O administrador foi afastado justamente para podermos retomar o controle da AER Xavantina, onde houve excessos. Ele perdeu o controle, porque cedia facilmente à pressão dos índios", explicou Lacerda, referindo-se aos gastos vultosos feitos naquela área. "São 52 AER em todo o País com 215 etnias diferentes. Só a Xavantina é responsável por 21% da dívida (R$ 1,2 milhão) da Funai do exercício passado (1998)".

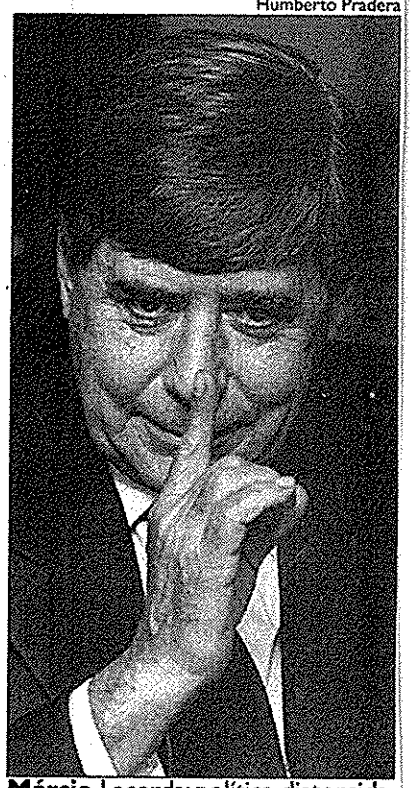
Esses gastos, relativos à compra de gêneros alimentícios, remédios e pagamento de serviços, por exemplo, chamaram a atenção da Funai quando da avaliação das pendências financeiras do ano passado. "Só de uma oficina mnecânica há gastos de R$ 132 mil", disse um funcionário do órgão. Márcio Lacerda disse que, apesar da pressão dos índios - com a qual as conversações se iniciaram ontem mesmo para a desocupação do prédio -, a iniciativa de regularizar as contas da AER Nova Xavantina terá continuidade.

"Faremos um levantamento desse débito, para ver o que é realmente devido e depois fazer um cronograma de pagamento", esclareceu Lacerda. Ele enxergou a invasão dos índios como uma forma de repensar o atual sistema de manutenção das AER. "É uma prova de que essa política assistencialista está falida. Já estamos conversando com as comunidades indígenas alternativas de auto-sustentabilidade".

O presidente da Funai minimizou a experiência desagradável de ter sido retirado de seu gabinete. "O que aconteceu já vem acontecendo sistematicamente", afirmou Lacerda. A Funai anunciou que fará sindicância para apurar o incidente de ontem.

RODRIGO LEDO
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Humberto Pradera



Márcio Lacerda: política distorcida

Comportamento ultrapassado

A cada contrariedade os Xavante reproduzem o mesmo comportamento: pintam-se de vermelho e preto, armam-se de arco e flexa, desnudam parte do corpo e investem contra a Funai. Acham que dessa forma vão intimidar o poder central e conseguir ver atendidas todas as suas reivindicações. Esta tática foi muito usual e deu resultados durante o governo do ex-presidente João Figueiredo. Atribuiu-se aos índios a primeira queda dos militares do poder. Era junho de 1983, quando eles ocuparam a sede da Funai e destituiram todos os militares dos cargos, no órgão. Quem viu a fúria dos índios não quis retornar.

Os tempos mudaram. Os líderes indígenas, que nunca se submeteram à condição de massa de manobra também mudaram e muitos, como Raoni Metutire (Txucarramãe), preferem participar de campanhas internacionais, a expor toda uma etnia por questões menores.

Mais do que lutar por uma política indigenista que assegure o respeito aos direitos dos povos indígenas sobre as terras que tradicionalmente ocupam, à saúde e à educação, eles brigam por pessoas ou pela preservação do assistencialismo.

Os Xavante se sentem eternos credores dos "brancos", que, no passado, ocuparam suas terras e restringiram o seu território tradicional. Assim, tudo que precisam deve vir dos "brancos". O pagamento da indenização deve ser eterno. Fora isso, o grupo é bastante suscetível à manipulação. Este comportamento, no entanto, compromete ainda mais a debilitada saúde financeira da Funai, que, ao longo dos anos, não tem conseguido cumprir o seu papel de tutor, como estabeleceu as sucessivas constituições do País, desde 1967.

A Funai sequer teve força política para aprovar o novo Estatuto do Índio. E hoje, o órgão enfrenta uma situação constrangedora diante da instalação de uma CPI, que esconde o objetivo de extingui-lo, reduzindo ainda mais a possibilidade de defesa dos territórios indígenas frente a ação agressiva das grandes empresas de mineração e madeireiras. Atitudes, como as adotadas ontem pelos Xavante, reforçam os argumentos daqueles que sempre se colocaram contra os direitos dos povos indígenas.

ROSANE GARCIA
Redatora do JORNAL DE BRASÍLIA

Rio de Janeiro:(021)262.1201 São Paulo:(011)227.0606